



Universidade de Brasília - UnB

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas - LIP

Disciplina: **Projeto: Elaboração de Multimeios**

Profa. Patrícia Tuxi dos Santos

Discentes:

Ana Cristina Rodrigues Lima Sousa

Antonia Mendonça da Silva

Data: 23/12/2016

Matrículas:

12/0174511

12/0168626

Semestre/ano: 2/2016

Gêneros textuais no ensino de português como segunda língua para os surdos. Ocorre esse ensino em sala de aula?¹

Ana Cristina Rodrigues Lima Sousa²

Antonia Mendonça da Silva³

RESUMO: O objetivo deste artigo é analisar os gêneros textuais apresentados no processo seletivo do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), especificamente na área de linguagens e códigos e suas tecnologias com um recorte no tema ‘gêneros textuais’ para uma reflexão sobre este no ensino de português como segunda língua, sob a perspectiva avaliativa do certame dos respectivos anos 2013, 2014 e 2015 que é o objeto de estudo deste trabalho. A metodologia adotada é descritiva-analítica. Abordamos alguns conceitos sobre o ensino de português para surdos e questões de adaptação da prova sob o ponto de vista de segunda língua para o participante surdo que tem LIBRAS com L1. O trabalho apresenta análise das provas do ENEM, entrevistas com professores da rede pública de ensino do Distrito Federal e com os alunos atendidos no âmbito da escola pública com o ensino de português como segunda língua. Na pesquisa constatamos a grande problemática da falta de adaptação apropriada na prova escrita e também na linguagem utilizada no exame para o aluno surdo que pode influenciar no seu desempenho na realização do ENEM e quais melhorias poderiam ser feitas tanto no certame quanto na forma de ensinar na sala de aula. Assim sendo, os textos abordados no ENEM devem ter uma adaptação quanto à linguagem utilizada nas questões, pois o aluno surdo precisa compreender o português escrito na sua integridade e na contextualização da língua para quando se deparar com exames como do ENEM não serem prejudicados.

PALAVRAS-CHAVE: ENEM. Gêneros Textuais. Português como Segunda Língua.

¹ Artigo produzido sob a orientação da Profa. Patrícia Tuxi dos Santos para obtenção de menção da disciplina Projeto: Elaboração de Multimeios do curso de licenciatura em letras Português do Brasil como Segunda Língua (PBSL) da Universidade de Brasília (UnB).

² Ana Cristina Rodrigues Lima Sousa: graduanda do curso de licenciatura em letras PBSL da UnB, anacristinalrs@gmail.com.

³ Antonia Mendonça da Silva: graduanda do curso de licenciatura em letras PBSL da UnB, anatoniamendonca2012@gmail.com.

Introdução

O objeto de estudo deste trabalho são provas do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), das edições de 2013, 2014 e 2015 na qual tem grande divulgação no país, pois cerca de 8.478.096 milhões de pessoas se inscreveram no ENEM de 2015. A partir disso, analisaremos os gêneros textuais mais frequentes do certame, com ênfase na área de linguagens e códigos e suas tecnologias. Dessa maneira, apresentamos as competências que o exame exige do candidato sendo esse destinado a todos que terminaram ou querem concluir o ensino médio, dentre esse público temos a participação dos alunos com necessidades especiais.

O trabalho trata especificamente da acessibilidade das provas destinada aos alunos surdos. Nossa preocupação é quanto à construção da prova para o aluno surdo e a adaptação conforme o ensino que estes alunos recebem. O método adotado foi o descritivo-analítico. O objetivo geral é investigar como as escolas estão trabalhando os gêneros textuais com esses alunos e se há acessibilidade quanto ao nível de ensino que ele recebe na escola. O objetivo específico é analisar como são ministradas as aulas de português como segunda língua.

A motivação desta pesquisa se dá em razão de que existe uma discrepância no ensino de português como segunda língua em relação ao que é solicitado no ENEM e ao ensino que o surdo é submetido na escola, a qual ainda não há discussões a respeito quanto ao grau de instrução que o aluno recebe e ao nível de dificuldade da prova. Logo devemos, enquanto futuras docentes, ter uma perspectiva crítica quanto ao ensino de português escrito para o surdo.

1. Definição do Problema.

Há algumas formas de avaliação para o ingresso no nível superior, atualmente no Brasil temos três processos, são eles: ENEM, PAS e Vestibular. Dentre essas três ferramentas de seleção o ENEM é a avaliação que mais atinge a população jovem com desejo de ingressar na universidade.

O ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) tem grande evidência no Brasil, uma das principais intenções é mensurar a qualidade curricular do Ensino Médio e o desempenho

dos estudantes, segundo o edital do ENEM⁴ de 2016. O exame é usado também para promover a elaboração de políticas públicas. Tem como propósito instituir uma padronização para os currículos do Ensino Médio, obtenção de dados para pesquisas em relação à educação do país e também a inserção nas principais universidades públicas e privadas; Por meio do ENEM podem-se alcançar os resultados citados acima.

As provas são apresentadas da seguinte forma: o exame é constituído de 1 (uma) redação em Língua Portuguesa e de 4 (quatro) provas objetivas⁵ das áreas de conhecimento. Estas têm como escopo avaliar as seguintes áreas de conhecimento do Ensino Médio e os seus respectivos componentes curriculares: as Ciências Humanas e suas tecnologias⁶; Ciências da Natureza e suas Tecnologias⁷; Linguagens, Códigos e suas Tecnologias e Redação⁸; Por fim, Matemática e suas Tecnologias⁹. As questões são de múltipla escolha, cada área de conhecimento contém 45 (quarenta e cinco) questões. As provas têm como língua de instrução o Português padrão, portanto conhecer as regras estabelecidas pela gramática que rege a Língua Portuguesa é primordial, o candidato que participa do ENEM deve ter tal conhecimento. Além do domínio da língua requer do estudante o uso de outras formas de linguagens como a matemática, artísticas, científicas e ainda proporciona a escolha de uma língua estrangeira que pode ser a língua inglesa ou a língua espanhola.

Dito isso, nos limitamos a tratar apenas de algumas competências que compõe área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias; especificamente das competências de área seis, sete e oito que estão situadas na Matriz de Referência¹⁰ do ENEM.

A competência seis busca o uso e compreensão de sistemas simbólicos, que necessita da percepção, interpretação e organização cognitiva dos mais diferentes gêneros textuais presente no ENEM, e assim reconhecer a função da linguagem que predomina nos

⁴ O edital está disponível no site do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira). Disponível: < <http://enem.inep.gov.br/download.html>>

⁵ Prova objetiva significa dizer que possui alternativas de possíveis respostas para o candidato escolher.

⁶ Ciências Humanas e suas tecnologias, componentes curriculares: História, Geografia, Filosofia e Sociologia.

⁷ Ciências da Natureza e suas Tecnologias, componentes curriculares: Química, Física e Biologia.

⁸ Linguagens, Códigos e suas Tecnologias e Redação, componentes curriculares: Língua Portuguesa, Literatura, Língua Estrangeira (Inglês ou Espanhol), Artes, Educação Física e Tecnologias da Informação e Comunicação.

⁹ Matemática e suas Tecnologias, componentes curriculares: Matemática.

¹⁰ Matriz de Referência são habilidades e competências definidas em unidades chamadas descritores, agrupadas em tópicos que compõem a Matriz de Referência dessa disciplina.

gêneros textuais apresentados no exame, assim sendo pode-se preservar a identidade nacional e se conscientizar da importância do prestígio linguístico da língua portuguesa no país.

A competência sete defende que o aluno busque confrontar os pensamentos e diferentes pontos de vistas, que estão nos gêneros textuais e suas manifestações. E com isso procure reconhecer nesses os recursos linguísticos verbais e não verbais que tem a finalidade de mudar hábitos e costumes de quem os lê, fazendo com que esse aluno possa fazer uma ligação entre as opiniões, os temas abordados nos textos e quais os recursos empregados na construção textual de cada gênero apresentado na prova. E também inferir o que o autor quer falar por meio de seu texto e para qual público-alvo é direcionado, como também reconhecer as estratégias utilizadas para que juntamente com a argumentação obtenha o convencimento do leitor por intermédio de recursos como a intimidação, comoção entre outros.

A competência oito almeja compreender como nós, falantes da língua, que temos o português como língua materna, podemos construir e nos reconhecer como sujeitos sociais que pensam e identificam o valor da língua para um povo. E por meio dos gêneros textuais utilizados no ENEM, conseguimos perceber a nossa diversidade linguística, como o regionalismo de algumas regiões do Brasil pela simples forma de falar do brasileiro, possibilitando um reconhecimento dos seus contextos de uso.

Em razão das competências apresentadas e os requisitos que o processo exige do candidato, entendemos que é fundamental o ambiente educacional oportunizar ao aluno o contato e a sistematização dos processos de conceituação da leitura e da interpretação de texto. Mas qual é o tipo de texto solicitado no ENEM? Há um padrão entre as diversas provas? Em razão das perguntas acima apresentaremos a partir de agora as análises dos gêneros textuais mais frequentes da avaliação do ENEM, dos anos: 2013, 2014 e 2015.

GÊNEROS RECORRENTES		
ENEM 2013	ENEM 2014	ENEM 2015
<ol style="list-style-type: none"> 1. Reportagem, notícia, revista. 2. Literário (narrativa/ ficção/ poema). 3. Crônica. 4. Charge, cartum, piada. 5. Artigo, artigo de opinião. 6. Publicitário. 7. Edital: jurídico. 8. Relato, carta. 9. Música. 10. Verbetes/ glossário. 11. Peça de teatro. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Notícia, Reportagem. 2. Crônica. 3. Literário (narrativa/ ficção/ poema). 4. Charge. 5. Artigo. 6. Publicitário. 7. Propaganda. 8. Relato. 9. Música. 10. Verbetes/ glossário. 11. Peça de teatro 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Literário (narrativa/ ficção). 2. Reportagem, notícia. 3. Artigo. 4. Publicitário. 5. Música

- Em 2013 o gênero mais recorrente é o da reportagem, do ramo jornalístico; posteriormente vêm os textos de gêneros literários com a presença marcante da narração.
- Já em 2014 são diversos gêneros textuais que compõe a avaliação, os gêneros predominantes na edição são as reportagens, notícias, crônicas a qual podemos colocar na categoria jornalística; Em segundo plano temos os gêneros literários, estes prevalecem mais a narração, que requer do candidato prévio conhecimento da obra.
- E por último, os gêneros textuais com maior ocorrência no Enem 2015 são primeiramente textos literários e em segundo plano reportagens, questões que na sua maioria pedem a interpretação do aluno.

Sendo assim, o questionamento que podemos fazer é referente à complexidade de alguns gêneros textuais apresentados. Pois isso implica saber como está sendo o ensino aos alunos quanto à metodologia por parte do professor para contextualizar e diferenciar os gêneros textuais da Língua Portuguesa.

Dentre os candidatos que realizam o ENEM, há a participação de pessoas com necessidades especiais. Desta forma, os processos seletivos devem garantir a isonomia na realização das provas, de acordo com Declaração de Salamanca de 1994, com isso um dos grupos que recebem provas adaptadas são os surdos, a qual o certame

proporciona uma acessibilidade parcial. Por isso, uma forma de alcançar os alunos surdos é na parte da redação, em que o ENEM oferece uma revisão diferenciada para correção das provas, esta é corrigida como português como segunda língua, ou seja, no critério redação a acessibilidade é garantida para o surdo, conforme a Lei nº10.436/2002, em que a língua de sinais é reconhecida como a primeira língua do surdo, regulamentada pelo Decreto nº 5.626/2005, a qual indica que a Língua Portuguesa é uma segunda língua para o surdo. Todavia, o ENEM desde a sua origem não fornece as provas em língua de sinais, o meio de acessibilidade é pela presença do intérprete de língua brasileira de sinais¹¹. No entanto, como vimos anteriormente, o ENEM é formado por questões objetivas que são introduzidas por textos escritos em português, portanto nas questões há textos relacionados com o gênero literário a qual não possuem nenhum tipo de trabalho de português como segunda língua para o público surdo.

No Brasil, o aluno surdo pode estar inserido em diversos contextos escolares. Segundo a Lei nº10.436/2002, permite a inclusão destes alunos para estudar junto com os ouvintes com ajuda de um intérprete em sala de aula. Nesse contexto, o aluno dispõe-se da sala de apoio ou sala de recursos¹², no horário contrário da aula, como se fosse uma aula de reforço; outro âmbito é a escola bilíngue¹³ para surdos, em que os alunos são ensinados a usar as duas línguas: a Língua Portuguesa e a Língua Brasileira de Sinais- LIBRAS; sendo a primeira língua LIBRAS e segunda língua o português escrito.

Diante disso, nesse trabalho avaliamos a forma como o ensino de português ocorre para os surdos em salas inclusivas e bilíngues. Para tanto, será que o professor apresenta estratégias de ensino dos gêneros textuais na sala de aula? Os alunos surdos nas salas de recurso conhecem mais afundo o trabalho de português como L2? Qual é a forma de acesso do aluno surdo a um conteúdo que como demonstramos é fundamental para o exato no ENEM.

¹¹ Intérprete de Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS profissão regulamentada pela Lei nº12.319/2010.

¹² Sala de recurso é um atendimento educacional especializado – AEE ofertado no turno oposto ao do ensino regular, segundo o Ministério da Educação.

¹³Escolas bilíngues são aquelas onde a língua de instrução é a Libras e a Língua Portuguesa é ensinada como segunda língua, após a aquisição da primeira língua; essas escolas se instalam em espaços arquitetônicos próprios e nelas devem atuar professores bilíngues, sem mediação de intérpretes na relação professor - aluno e sem a utilização do português sinalizado. FENEIS (2013).

Dessa forma, ensinar gêneros textuais e a percepção de primeira língua é uma atribuição da escola, com isso, o objetivo geral desse trabalho é verificar como as escolas estão trabalhando os gêneros textuais com os alunos surdos para que eles tenham os mesmos acessos que um aluno de primeira língua, ou seja, no mesmo nível e também da mesma forma que é avaliado na redação.

Para alcançar objetivo proposto iremos também:

- i. Analisar como o português é ministrado como L2 para o surdo;
- ii. Avaliar como ENEM está sendo apresentado na sala de aula para os surdos;
- iii. Registrar o posicionamento dos docentes e discentes em relação à prova do ENEM.

Para melhor visualização do trabalho o dividimos em três partes:

- I) Referencial teórico a cerca do ensino de português para surdos
- II) Metodologia onde explicamos os passos do trabalho realizado;
- III) Discussões a cerca dos dados encontrados.

2. Referencial Teórico

O ensino de português como segunda língua para surdo tem uma estrutura de instrução diferenciada do ensino da Língua Portuguesa. Devido eles terem LIBRAS como L1, sua forma de aprender o português é diferente de um ouvinte. Pautado nisso, segundo Quadros “Os surdos brasileiros usam a língua de sinais brasileira, uma língua visual-espacial que apresenta todos as propriedades específicas das línguas humanas.” (QUADROS; SCHMIEDT, 2006, p. 13).

No entanto, há uma preocupação em ensinar o português como segunda língua no âmbito da escola pública, pois nem sempre os docentes têm a formação necessária, segundo Fernandes (2007,p.1-2), alguns “negam-se a incorporar à sua prática qualquer conteúdo, metodologia ou recurso educacional para o qual, segundo afirmam, não tenham sido preparados em sua formação inicial e continuada.”

A segunda língua, o português, deve ser ensinada por professores que respeite e compreenda, a situação dos alunos que não tem o português como língua materna,

consequentemente as abordagens, metodologias e recursos de ensino são e devem ser diferenciados e sempre voltados para uma perspectiva de L2 para o aluno surdo.

O contexto bilíngue da criança surda configura-se diante da co-existência da língua brasileira de sinais e da língua portuguesa. No cenário nacional não basta simplesmente decidir se uma ou outra língua passará a fazer ou não parte do programa escolar, mas sim tornar possível a co-existência dessas línguas reconhecendo-as de fato atendendo-se para as diferentes funções que apresentam no dia a dia da pessoa surda que se está formando. (QUADROS; SCHMIEDT, 2006, p. 13).

As duas línguas têm que ser ensinadas de maneira particular, sem “desmerecer” a LIBRAS que é a primeira língua do surdo, juntamente com sua cultura, assim como o português que é uma segunda língua para o surdo que permeia sua inserção no mundo dos letrados por meio do português escrito.

O papel da escola na mediação do aluno surdo e o professor é crucial no desempenho dos alunos, pois quando o docente tem esse olhar voltado para o ensino especializado de português como L2, se torna mais fácil e possível um ensino de qualidade e consistência para o aluno surdo.

“Independente do contexto de cada estado, a educação bilíngue depende da presença de professores bilíngues. Deste modo, pensar em ensinar uma segunda língua, pressupõe a existência de uma primeira língua. O professor que assumir esta tarefa estará embuído da necessidade de aprender a língua brasileira de sinais.” (QUADROS; SCHMIEDT, 2006, p. 19).

O Estado é um dos pilares na construção dos currículos de ensino no Brasil, assim sendo, a sociedade juntamente com órgãos federais precisam atentar-se quanto ao ensino básico do aluno surdo em seus anos iniciais, pois a base tem que ser fortalecida com profissionais motivados a fazer a diferença na vida desse aluno surdo que está na sala de aula da escola pública, com todos os seus sonhos na ponta de um lápis e espera aprender o português escrito para serem inseridos no mundo por meio da escrita, e assim abrir seus horizontes em relação à vida.

“A questão da aprendizagem do português, principalmente a fase da alfabetização, está entre as maiores preocupações de professores e pesquisadores das áreas de educação e linguística.” (GRANNIER; TELES, 2008, p.01).

Para aprendermos uma língua a exposição é necessária, pois os ouvintes desde de pequenos são expostos a sua língua materna que é o português, devido a essa exposição é adquirida a língua com uma compreensão e oralidade perfeitas para mais tarde por meio da educação formal ser apresentada essa língua falada, a sua parte estrutural e todas as regras previstas na gramática do português.

Já com o aluno surdo vai ser totalmente diferente, a L1 dele é LIBRAS e quando ele for à escola pela primeira vez chegará sem o conhecimento da Língua Portuguesa, dado que a realidade linguística é distinta do aluno ouvinte que está frequentemente em contato com o português, com isso a grande ocorrência da realidade deste aluno é que na maioria dos casos o educador não está preparado para receber o surdo, principalmente para ensiná-lo em uma perspectiva de segunda língua.

Com o surdo esse input, fica impedido de chegar à sua mente pelas mesmas vias que o aprendiz ouvinte, a audição, e deverá ser transformado em um input, o português –por- escrito, e deverá ser aprendido na escola, porque, para o surdo, a aquisição de uma língua oral só pode acontecer se ele tiver acesso à sua representação escrita. Portanto, é necessário ensinar ao surdo essa modalidade da língua, assim que entrar na escola. (GRANNIER; TELES, 2008, p.2).

Para ensinar o português como segunda língua nas escolas, é imprescindível que o educador tenha além do domínio do conteúdo conhecimento em Língua de Sinais Brasileira- LIBRAS, pois assim o aluno surdo se sentirá mais confiante no processo de ensino-aprendizagem do português escrito.

No entanto, a possibilidade do aprendizado da escrita está vinculada à forma como esse processo será organizado pela escola, considerando a necessidade da adoção de metodologias específicas de ensino, com professores especializados para este fim, tal qual ocorre em situações de aprendizado de línguas estrangeiras. Essa comparação se justifica, tendo em vista que a criança surda não aprenderá o português como língua materna, mas como segunda língua. Ou seja, não podemos alfabetizar uma criança surda, se considerarmos a natureza do aprendizado envolvida nesse processo. (FERNANDES, 2007, p.4).

Para podermos ensinar o português como L2, no âmbito da escola pública é preciso haver um grande investimento no profissional de ensino especializado como por exemplo: professores e intérprete de LIBRAS, pois assim o ensino será bem fundamentado e posteriormente mostrará excelentes resultados nos processos de seleção existentes no país.

Quando não há esse acompanhamento por parte das instituições competentes de avaliação da qualidade do ensino básico no Brasil, fica inviável para os docentes se

apropriarem desse conhecimento necessário para ensinar o português na modalidade escrita para o surdo, ocasionando a esse aluno uma lacuna no aprendizado que acarretará em uma produção textual na sua L2 o português com algumas falhas ou ressalvas, que futuramente será cobrado desses alunos a norma culta do português, nos processos seletivos vigentes no Brasil como o ENEM, Vestibular e o PAS.

Como consequência, as produções textuais, sejam de alunos do ciclo básico de alfabetização, sejam das séries finais do ensino fundamental, ou no ensino médio, são muito parecidas, revelam as mesmas dificuldades e peculiaridades. É a triste constatação de que a escola em muito pouco, ou quase nada, contribuiu para alterar sua condição de semi-analfabeto, ao longo dos vinte anos como alunos da educação básica, que é o tempo médio de escolarização de surdos, já que as reprovações são quase inevitáveis em sua trajetória escolar. (FERNANDES, 2007, p.10)

3. Metodologia

A metodologia adotada foi o método descritivo-analítico, com o instrumento da entrevista. Para elaborarmos a pesquisa que visa à análise de gêneros textuais no âmbito de escolas públicas do Distrito Federal, duas escolas localizadas no Plano Piloto, que oferecem aulas de português como segunda língua para surdos.

Para tanto, utilizamos como recurso entrevista com professores da rede pública, a saber, se possível uma conversa informal a respeito do conhecimento dos alunos sobre os gêneros textuais. Com esse retorno, faremos uma análise se há esse tipo de ensino ou não e se os alunos surdos têm a possibilidade de aprender o assunto de alguma outra forma. Por isso, iremos analisar o ensino de português como segunda língua para surdos e como o tema está sendo abordado.

Para alcançar o objetivo proposto teremos como instrumentos metodológicos:

- I) Entrevistar professores sobre a metodologia de ensino de gênero textual;
- II) Comentário dos alunos a respeito do ENEM;
- III) Propor uma nova ideia de prova para os alunos que têm LIBRAS com L1.

I) Entrevistar professores sobre a metodologia de ensino de gênero textual:

As professoras que colaboraram como informantes da pesquisa, na qual atuam na rede de ensino regular do Distrito Federal. A primeira professora entrevistada a denominamos de **A** atua no ensino regular acerca de 10 anos na área de português como segunda língua para surdos na instituição de ensino regular que trabalha com ensino inclusivo. É licenciada em Letras-Português e suas respectivas literaturas pela universidade de Brasília. Já a professora entrevistada a denominamos de **B** atua há pouco tempo na área de ensino de português como segunda língua para surdos, na instituição em que o ensino na área de português como segunda língua oferece atendimento especializado ao surdo. É Licenciada em Letras Português do Brasil como Segunda Língua-PBSL pela Universidade de Brasília.

Elaboramos a entrevista a respeito do ENEM, que tem por finalidade saber o posicionamento tanto das professoras quanto dos alunos em relação ao exame. Com esse propósito separamos por algumas categorias que são:

Perguntas para as professoras:

- 1.0. Sobre o ENEM;
- 2.0. Importância do ENEM;
- 3.0. Conteúdo: gêneros textuais e metodologia de ensino;
- 4.0. Proposta de um exame acessível para o surdo;
- 5.0. Comentário a respeito do ENEM;

Conforme as respostas obtidas na entrevista os nomes das professoras serão substituídos pelos termos “docentes A e B”, subsequentes as suas respectivas respostas fornecidas à pesquisa.

- 1.1** A escola tem aulas voltadas para o ENEM? Se sim, os alunos surdos têm os mesmos acessos que os alunos ouvintes?

Docente A

“Sim, a escola tem um cursinho preparatório, porém os surdos não participam das aulas por não ter intérprete. Então eles já não participam desse cursinho, eles participam das aulas regulares dentro das aulas, os professores selecionam questões do ENEM fazem treinamento para os simulados e fazem simulados em

todas as etapas do ensino regular contendo questões voltadas para o ENEM, PAS, então, dessa parte eles (os alunos surdos) participam.”

Docente B

“Hoje nosso atendimento não tem aulas próprias voltadas para o ENEM, embora a gente trabalhe com temas de redação do ENEM, a ênfase não é especificamente para a redação do ENEM e então não está adequada, assim conforme as outras escolas não há essa adaptação.”

1.2. Como é apresentado o ENEM para os surdos: em aulas, na sala de recurso, em cursos extras?

Docente A

“Mais em sala de aula. A sala de recurso é como um apoio, apenas complementa as atividades deles, algumas questões do ENEM são resolvidas na sala de recurso. E em sala de aula cada professor ministra sua disciplina e seleciona matéria do ENEM, do PAS e Vestibular. No português como segunda língua eu passo para eles as questões adaptadas, geralmente com textos de apoio para que eles possam entender e buscar pistas de como resolver aquela situação (das questões), porque a minha intenção aqui com os textos de apoio é que eles acabem gravando para no momento que eles não tiverem o texto de apoio eles possam lembrar de alguma forma para que as questões possam ser resolvidas.”

Docente B

“Bom aqui praticamente já é a sala de recursos, apresentamos provas, temas. Mas é bem uma pincelada mesmo.”

2.0. A seu ver qual a importância de um exame como o ENEM, na avaliação de alunos surdos?

Docente A

“É, o ENEM de uma forma geral ele é muito válido. Agora, especificamente para a nossa população surda, ele deixa muito a desejar, o fato de ser só assim: tem um intérprete (lá pra fazer) não é suficiente. Então, uma vez que a língua deles, por ser a primeira língua LIBRAS a segunda língua o português eles não

tem o domínio de todo esse vocabulário por mais que se trabalhe. E nós muitas vezes somos até questionados pelos professores do ensino regular, ainda tem essa situação, “como que o aluno foi apresentado essa questão da língua desde de criança e não domina a língua?”. Então, eu costumo até falar para eles que é a mesma coisa do ensino do inglês, por exemplo: o mais básico é o inglês, você tem aulas uns sete anos, desde o sexto ano até o terceiro ano do ensino médio e você não sai dominando o inglês, se você não aprofundar com o cursinho com alguma coisa. Para eles (os alunos surdos) é ainda mais difícil por eles não terem esse retorno e não estarem adquirindo novos vocabulários pela audição, para eles é bem complicado. Então, o ENEM eu penso que é válido, mas deveria se pensar no surdo, ou fazer em LIBRAS ou fazer o ENEM adaptado realmente com texto de apoio. E houve até uma vez, que eu participei de um curso em 2004 de português como segunda língua, estava sendo levantado a possibilidade de fazer a prova para o surdo igual a prova para o estrangeiro, para que o domínio da língua fosse igual a do estrangeiro e até agora não caminhou. Quer dizer o estrangeiro tem mais condições de fazer(a prova), ou seja, é mais adaptado para ele do que para os surdos. Porque ninguém acha que só intérprete vai resolver o problema, o intérprete não vai poder passar tudo para ele, tem todo um contexto das coisas (para ser explicadas na hora de interpretar). Então, o ENEM, penso que deixam muito a desejar e é muito cruel para eles, às vezes eles ficam frustrados, “porque que o ouvinte consegue e eu não?”. Dependendo de como surdo tem essa capacidade de lidar com a frustração, para eles é muito difícil. Portanto, eu penso que deve ser adaptado, tem que ser assim, avançar mais para poder fazer as adaptações necessárias para que ele possa concorrer em condições de igualdade.”

Docente B

“O Enem está para avaliar não é isso? independente se é surdo ou não. Mas não tem essa adaptação de avaliação do surdo, acho que para o surdo talvez não tenha tanto sentido... assim não é voltado especificamente para o aluno surdo.”

3.1. São ensinados os gêneros textuais apresentados no ENEM?

Docente A

“Sim. Nós apresentamos, mas não dá tempo de trabalhar todos eles, damos uma visão geral de todos gêneros e tudo, mas é difícil conseguir aprofundar. Você confia muitas vezes que ele já traz tudo aquilo que eles viram desde o ensino fundamental, você trabalha reportagem, quadrinho e os outros gêneros, trabalhando o gênero narrativo, o descritivo e textos argumentativos. Mas não dá para você aprofundar em cada um deles, é tão corrido.”

Docente B

“Sim. Explicamos que um texto possui uma introdução, argumentação, e tudo mais. Mas é muito profundo para o surdo, nós temos surdos de nível básico e do ensino superior. Aos mais avançados, o que estão no ensino superior, trabalha-se textos científicos, a redação em si ainda é muito profunda para eles.”

3.2. Qual a metodologia utilizada para o ensino referente aos gêneros textuais?

Docente A

“Sim, eu uso textos, apresento texto escrito, peço para fazer em LIBRAS e para que eles apresentem aos colegas e vamos trabalhando. Se tiver vídeo no Youtube eles veem também, eu utilizo desses recursos. E dessa forma, vai apresentando os diferentes gêneros, mas ainda não dá para aprofundar o quando eu gostaria de aprofundar.”

Docente B

“Assim, nós explicamos o que é uma redação, os diferentes gêneros textuais existentes, agora mesmo, nós estamos trabalhando com entrevistas montando o tema sobre trabalho, entrevista da pessoa, quantas horas se trabalha e tudo mais entrevistando os surdos, com a redação a gente vai explicando mesmo qual o objetivo de ter uma escrita mais direta, que tem muitas palavras que por mais que fale...fale...fale...mas na verdade não expressa nada, a gente vai trabalhando essa objetividade assim na escrita que deve ser clara e sucinta”

3.3. Eles leem muitos textos em aula? Quais os gêneros?

Docente A

“Leem, na aula de português, eles têm acesso aos quadrinhos, aos gêneros argumentativos a leitura dos jornais. Procuro sempre deixar às vezes para eles. Há momentos que eu pego para ler com eles ou então deixo para que eles possam ter acesso a esse tipo de gênero, notícia de tudo. E é mais assim, a parte mesmo de trabalhar os textos que eles vão precisar como, por exemplo, os textos de literatura e suas diferenciações dos diferentes gêneros literários que também solicita no ENEM, apresentaram para eles esses textos.”

Docente B

“Leem pouco, muitas vezes é mais leitura de imagens textos bem simples, pois quando eles veem textos muito grandes já bate um desespero e quando o texto é muito grande eles vão nas palavras que eles conhecem, então um texto que têm inúmeras informações eles entendem 5%, porque vai mais naquela palavra que eles conhecem.”

- 3.4.** Qual a maior dificuldade deles em relação ao ENEM? Qual a principal dificuldade no aprendizado de conteúdos voltados para preparação para o ENEM no âmbito da escola pública?

Docente A

“A dificuldade maior deles é a barreira da língua, que são muitas palavras, as palavras tem várias interpretações, então dependendo do contexto. Se para o ouvinte, falante da língua portuguesa é complexo, para o surdo muito mais, porque o conteúdo é imenso, são todas as disciplinas e eles não têm que ver tudo e eles não têm a facilidade, o domínio da língua, ele esbarra mais com esse problema do código. Então, o que eu penso, é que o problema maior é realmente o vocabulário e tempo para que eles possam, realmente, adquirir todo esse conhecimento.”

Docente B

“Tudo, assim, os textos são bem profundos, vocabulários desconhecido, a literatura é cobrada, toda a literatura brasileira. Ou seja, eles viram pouco ou nada desses assuntos, são textos bem pesados não tem adaptação, não tem o preparo nas escolas, na prova em si não tem adaptação, então, fica sem coerência.”

- 4.1.** O que precisa ser melhorado no ensino para surdos, quando se pensa em preparar o aluno para obter boa nota no ENEM para assim haver o ingresso em instituições públicas e privadas?

Docente A

“Penso que deveria ter mais tempo, embora ele já fique aqui o dia inteiro fazendo trabalho, estudando. Eu acho que o ENEM sendo voltado para eles teria que ser uma matéria mais enxuta e selecionasse o que seria prioritário para que pudesse desenvolver mais uma redação. Também propor desde a educação básica ele ter LIBRAS, pois muitas vezes o aluno chega ao ensino médio e não domina a língua de sinais.”

Docente B

“Primeiro, precisa mostrar o sentido, o porquê do ENEM, e se vai ter uma prova adaptada ou não, se é uma prova que vai exigir do aluno, então se vai ser uma prova que vai realmente ser adaptada, trabalhar aquilo com o surdo, e se não trabalhar tudo o que vai ser cobrado, porque às vezes se cobra uma coisa que o surdo não chega a estudar nem 50% daquilo.”

5.1. Quais os pontos positivos e negativos do ENEM analisando que é uma prova feita também para alunos surdos?

Docente A

“É, para o surdo é essa falta de adaptação para eles, são muitas questões, são muito conteúdos. Mas para o surdo ainda há uma barreira muito grande e talvez pudéssemos pensar em conseguir o “ENEM PARA O SURDO” ou o “ENEM PARA DEFICIENTES VISUAIS” para ver como seria o desempenho deles. Pois as questões do diferente ainda estão muito longe de conseguir, já tem um avanço hoje em dia que já temos alguns surdos chegando lá. Porque se formos pensar a uns 50 anos não tinham, pois a perspectivas de trabalho dos surdos eram os trabalhos braçais, então, muitos já se encaminharam, então todos estes profissionais que já estão lá, já tem mestrado, alguns alunos que hoje são professores na UnB.”

Docente B

“O ponto negativo é não ter uma prova em LIBRAS, muitos surdos explicam que tem um intérprete, porém eles não ajudam, muitas vezes o intérprete não é qualificado, esse é um ponto negativo e ponto positivo é ter essa porta aberta,

embora não tenha essa adaptação, mas que ainda assim o surdo possa fazer essa prova e ter acesso.”

5.2. Qual o seu maior desafio como docente no ensino de português como segunda língua?

Docente A

“É não ter um tempo hábil para poder trabalhar todos os assuntos, eu vejo a questão do tempo, a questão do vocabulário deles, tudo, minha própria barreira, eu posso até saber LIBRAS, mas eu não vou dizer que eu tenho um domínio de LIBRAS como muitos outros professores têm, e eu preciso aprimorar mais LIBRAS e também é necessário ter o aluno preparado, ter realmente condições de passar todo esse conteúdo, então para mim esse é um grande desafio. Mas mesmo assim eu ainda como professora, ainda me sinto angustiada em alguns momentos, porque sinto que eu queria fazer muito mais do que é possível fazer. Queria que os alunos pudessem ter acesso, por exemplo, de filmes de apoio, filmes literários que eles não têm, porque filme brasileiro não é legendado, então, isso daí já fica difícil. Então, é um grande desafio que eu queria poder colocar minha cabeça no travesseiro à noite e saber que eu pude passar tudo para eles, mas é muito complexo esse ensino para eles.”

Docente B

“Olha, bate uma crise, um desespero, meu maior desafio é a língua do surdo porque muitas vezes eu me deparo com um português sinalizado e não com LIBRAS, então quando você vem para o português sinalizado, você entra por uma linha que não é português nem LIBRAS, então é uma mistura que nem o surdo compreende e faz uma confusão. Como é cobrado muitas regras preposições e tudo mais, eles se veem nesse desafio de querer aprender, aprender porque muitas vezes não ensinamos pela regra, mas sim pelo contexto de uso da língua e tem que ter esse jogo de cintura e ver a língua pelo contexto.”

II) Comentário dos alunos a respeito do ENEM;

Entrevistamos dois alunos de escola pública, ambos concluíram o ensino médio e continuam estudando o português com intuito de aperfeiçoar mais a língua para ajudar

no ingresso na faculdade. Os alunos chegaram ao mesmo consenso, a maior dificuldade deles é a língua portuguesa, relataram que a prova tem muito texto e é uma linguagem pesada e que possuem dificuldades em interpretar os textos. Perguntamos a eles qual a sugestão dariam para melhorar o Enem disseram que poderiam fazer uma prova mais visual, com mais imagens ou apenas ser por vídeo, pois facilita no momento de entender o que se pede nas questões.

Conclusão

Diante das pesquisas feitas e dos relatos dos docentes e discentes foi constatado a disparidade entre o nível de conhecimento dos alunos surdos com o nível da prova do ENEM.

Questiona-se a formulação da prova para o público surdo, pois é feita para alunos que possuem a Língua Portuguesa como primeira língua, já a primeira língua do surdo é a LIBRAS que difere no ensino, uma vez que estes alunos estão inseridos em um ambiente escolar diferenciado e é requerido alguns conhecimentos dos participantes surdos que muitas vezes não é apresentado como, por exemplo: literatura (não há nenhum trabalho na área desenvolvido para os surdos).

Se tratando do ensino para surdo como os professores mencionaram, a maior barreira é a língua, visto que o surdo não tem o ensino adequado desde a sua infância, por descobrirem a surdez tardiamente, em alguns casos, ou por não ter tido um acompanhamento de ensino apropriado deixando o ensino defasado. Outro fator é a qualificação dos profissionais, que nem sempre tem a competência comunicativa na língua materna do surdo que é LIBRAS, o que é importante no ensino de português para surdos, pois o docente que não sabe LIBRAS torna o processo de ensino aprendizagem praticamente impossível.

Quanto aos gêneros textuais, nosso objeto de pesquisa, foi constatado que os alunos aprendem em sala de aula, no entanto, não há um aprofundamento da matéria por fatores como: o nível de conhecimento de cada aluno (muitas vezes estão na mesma sala), porém não há como fazer uma separação; o aluno não sabe LIBRAS ou se sabe não é suficiente; nível de proficiência dos professores em LIBRAS.

O ensino básico oferecido aos surdos na rede regular de ensino é extremamente defasado, pois desde a educação infantil até o ensino médio não há um ensino especializado tratando o português como segunda língua, assim os alunos que fizeram parte dessa pesquisa que já estão no ensino médio apresentam alguns problemas na aprendizagem do português devido à postura de educadores quanto ao ensino de surdos no início da sua alfabetização, pois conforme vimos os alunos muitas vezes são ensinados como se o português fosse sua primeira língua, no ensino atual não há uma divisão de níveis como nos cursos de línguas estrangeiras e nem um material de apoio específico para os alunos, ou seja, é necessário ensinar a língua portuguesa com a perspectiva de segunda língua para o surdo ter uma educação básica sólida quando chegar ao ensino médio e na universidade.

Para o surdo ter um ensino de qualidade, é necessário que na sala de aula seja respeitada a sua primeira língua LIBRAS, e o português como segunda língua é fundamental que haja um comprometimento e responsabilidade por parte das autoridades governamentais competentes em proporcionar ao aluno surdo inserido na rede regular de ensino uma educação que o direcione para aprender o português como segunda língua, com mais investimentos na qualificação dos professores da área de ensino especial.

Para nós melhorarmos esse quadro referente à falta de acessibilidade em um certame tão importante para os estudantes em geral, principalmente para o surdo, propomos uma prova totalmente adaptada para o aluno surdo, em que os textos sejam menores nas questões e toda a prova seja em LIBRAS por meio de vídeos e intérpretes, sendo utilizada a LIBRAS da região, bem capacitados para atender os estudantes surdos. E por outro lado, o Estado tem que investir cada vez mais no aperfeiçoamento dos professores que educam os alunos que só querem ser realmente incluídos não só na sala de aula, mas também nos exames de acesso à universidade e mercado de trabalho.

Referências Bibliográficas

A Reforma da Meta 4 do Plano Nacional de Educação e suas Implicações na Educação Contemporânea / X ANPED SUL, Florianópolis, outubro de 2014. Disponível em: <http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/769-0.pdf> Acesso em: 20/10/2016.

ESPANHA. Declaração de Salamanca-Conferência Mundial sobre a Educação Especial, em Salamanca, 1994. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seep/arquivos/pdf/salamAnca.pdf/>> Acesso: 20/10/2016.

FERNANDES, Sueli. *Avaliação em língua portuguesa para alunos surdos: algumas considerações*. 2007. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional - TEXTO DIDÁTICO).

INEP. Edital do ENEM 2016. Disponível em:<http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/edital/2016/edital_enem_2016.pdf>.Acesso em: 17/09/2016.

INEP. Matriz de Referência 2016. Disponível em:<http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/downloads/2012/matriz_referencia_enem.pdf> Acesso em: 17/09/2016.

Lei Federal nº12.319/2010. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, 2010. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12319.htm> Acesso em: 20/10/2016

Lei Federal nº10.436/2002. Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm> Acesso em: 20/10/2016

Lei Federal nº5.626/2005. Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>.Acesso em: 20/10/2016.

Ministério da Educação. Portal do MEC. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=21380> Acesso em: 29/11/2016.

Quadros, Ronice Müller de. *Idéias para ensinar português para alunos surdos* / Ronice Muller Quadros, Magali L. P. Schmiedt. – Brasília : MEC, SEESP, 2006.

Tércia Ataíde França Teles. *Aspecto do Português de Crianças de cinco Anos*. 2008. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Universidade de Brasília. Orientador: Daniele Marcelle Grannier.